



A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon, Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis

A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon,
Vanessa Maurenre e Carolina dos Reis



ABRAPSO EDITORA

Florianópolis - 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A pesquisa como criação de mundos [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.]. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023. PDF

Vários autores.
Outros organizadoras: Simone Paulon, Vanessa Maurenente, Carolina dos Reis.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88473-23-8

1. Ensino superior (Pós-graduação) 2. Pesquisa científica 3. Psicologia social I. Amador, Fernanda. II. Paulon, Simone. III. Maurenente, Vanessa. IV. Reis, Carolina dos.

23-168143

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia social 302

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Projeto gráfico e design de capa: Arnaldo Bublitz
Arte da capa: Vento não se captura, é sentido.
por Zeca Amaral (ezequiel_candidoamaral@hotmail.com)

IMAGENS, TRABALHO E SUBJETIVIDADE EM TEMPOS DE GUARDAR MEMÓRIAS E INVENTAR FUTUROS

*Jaqueline Tittoni | Aline Kelly da Silva | Camila Pereira Alves | Diego Drescher de Castro
Fabiane Konowaluk Santos Machado | Helena de Barros Soares | Leandro Marchini Peixoto
Leticia Eli Pereira de Campos | Marilu Goulart | Marlete Andrize de Oliveira
Marlon Freitas de Campos | Rossana Bogorny Heinze | Thiele da Costa Müller de Castro*

INVENTANDO UM COMEÇO

A reflexão que instiga este texto, “aquilo que insiste em se fazer urgente”, agita nosso pensamento na direção desta escrita... Escrevemos em um país devastado pela pandemia sem controle, pelo descaso com as vidas humanas que se perdem aos milhares todos os dias, marcadas pela condição socioeconômica e pela raça. O governo da pandemia mostra a face branca e violenta da sociedade refletida no espelho colonizador que segue a operar suas formas de opressão. A mão do colonizador que ostenta o espelho carrega a “mágica” do poder de definir quem são aqueles que a imagem reflete. Esta é uma questão que segue urgente: quebrar o espelho.

A imagem é, ela mesma, uma questão. Fundamental nos processos de colonização, as imagens abrem janelas e ampliam os olhares, mas, ao mesmo tempo, fixam e pressionam as experiências. Imagens técnicas que compartilhamos todos os dias e que alimentam um sem-fim de combinações algorítmicas, fazendo circular o mesmo do mesmo, em movimentos infinitos e controlados, ao mesmo tempo. Problematizar os modos de produzir imagens segue sendo uma urgência.

Escrevemos em um país com milhares de pessoas desempregadas, com poucas perspectivas de retornar ao mercado de trabalho e assoladas pelos efeitos da “deforma” trabalhista, vigente desde 2017, que alterou violentamente a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e as condições de possibilidade institucionais para ser trabalhadora e trabalhador nessa nação. Ao aumento da pobreza e da miséria, assim como da insegurança alimentar com o retorno do Brasil para o Mapa Mundial da Fome, soma-se a precarização do trabalho e das relações de trabalho. O trabalho, que não é capaz de garantir nem mesmo a sobrevivência de quem trabalha, segue sendo uma urgência.

Por fim, a produção acadêmica. Desafiar os nós que a constituem como espaço de colonização e de opressão e, ao mesmo tempo, fazer ver sua potência inventiva e

transgressora, também segue sendo necessário e urgente. Colocar em questão os modos universalizantes de conceber o saber e o conhecimento, assim como as inúmeras resistências que se mostram nos saberes menores e cotidianos, segue sendo uma urgência.

Faz-se cada vez mais urgente suspendermos o céu, como defende o importante intelectual e ativista pela defesa dos direitos dos povos indígenas, Ailton Krenak (2020). Ele relata a experiência de povos indígenas que realizam um ritual de cantos e danças quando sentem que o céu está demasiadamente próximo à terra, representando uma dessintonia do povo com o planeta. Assim, ele propõe que suspendamos o céu, num gesto de resistência ao processo de colonização e imposição da concepção de humanidade homogeneizada que separa o humano da natureza. Suspende o céu, dessa forma, é ampliar o horizonte existencial e enriquecer a subjetividade para além do mercado e do capitalismo. Suspende o céu para respirar, para sobreviver.

Mas, de tudo isso, o que insiste em se fazer ainda mais urgente é a coragem para enfrentar e transformar estes tempos em nome da vida, da saúde e da dignidade. A urgência nos move para trabalhar, pesquisar e expandir nossa sensibilidade, buscando rastros de poesia nos percursos que vamos traçando. Cruzando linhas e caminhos, onde as artes do cotidiano, as pequenas artes do viver, vão delineando campos de problematização, provocando saberes institucionalizados e nos convidando a andar pelos desvios, onde, como nos ensinou Manoel de Barros, se podem colher os melhores frutos. A pesquisa arrancada das condições de vida precárias de Carolina de Jesus (2019) nos inspira nos caminhos que vamos trilhar por aqui.

DESENROLANDO AS LINHAS: QUEM ESCREVE

Quem escreve este texto é um grupo formado por seis doutorandas, dois doutorandos e duas mestradas, assim como uma mestra, que defendeu há pouco sua dissertação, um estudante de graduação em iniciação científica e uma professora-orientadora de percursos e pesquisas. No ano de 2020, juntamos nossas energias e escrevemos o livro intitulado “*Entrenós - escritos de pandemia*”, uma coletânea que mostra nossos diferentes olhares e modos de viver uma mesma situação. Escrever foi, naquele momento, uma forma de irmos fazendo aquela travessia: pés descalços, poucos acessórios para enfrentar as águas turbulentas e muita vontade de seguir andando, juntas. Também mostrou os encontros que podem se dar a partir da diferença. Encontros de partilha e de afetos, para além da identidade de temas ou de problemas de pesquisa. Catamos, nos projetos e estudos de cada pessoa deste grupo, material para formarmos memória e corpo que pudesse tecer um texto comum. Nos aproximamos de Rivera Cusicanqui (2010) quando nos propõe que o conhecimento se produz no coração e no pulmão, nas entranhas superiores, como indica a palavra aimara *chuyma*. Encontro se dá em corpos que pulsam, que respiram, que se alimentam do calor que as proximidades produzem. Corpos que, na

fricção, produzem energia que dispara outros pensares, faz ver os efeitos de poder produzidos como raça, que nos subjetiva como pessoas negras e na branquitude, os efeitos do gênero e das desigualdades sociais. Atritos produzem desconforto e uma vigilância constante e, muitas vezes, imprecisa e incapaz de produzir estes tempos de encontro como espaços seguros. Infelizmente. Mas é do encontro que se faz o calor que aquece e queima o que já não pode mais ser. Intensidades.

Encontros estão se dando em telas que, como prisões e janelas, são nossa salvação e nossa desgraça e nos fazem habitar o paradoxo deste encontro que nos aproxima e nos afasta. Corpos em tela, que vibram a seu modo. Corpos que se movimentam neste país de pandemias de vírus, de ódios, de descaso. Corpos que clamam por tecnologias, que se constroem e se reconstroem o tempo todo: que tensionam, que produzem, que se acoplam. Ciborgues? Mas que se encontram em uma potência inventiva que, ao resgatar nossas memórias e nossas histórias, tornam o presente mais denso e digno de movimento e de lutas. Como corpos vivos, partes de um mundo que vibra e vive e que pode conhecer com o coração, através dos afetos. Encontros e fricções, como pressupostos de um conhecer que se dá no experienciar. Experiência com os pés no país, nos modos latino-americanos de viver e conhecer, com o passado que nos constitui e o futuro que vamos construindo a cada passo, destruindo o que não deve mais ser. Uma epistemologia do Sul, anticolonial e, assim, feminista e antirracista.

Este texto-tecido está sendo escrito com base em três linhas: o olhar, as costuras e as narrativas. Estes três pontos, cruzados, como ponto atrás ou ponto em cruz, buscam mostrar algumas linhas de composição dos encontros, de modo que a singularidade da obra de cada um possa ser realçada, na mesma medida em que se sabe obra, porque produzida nos encontros e desencontros dos percursos de sua tecitura. As costuras, compostas em roupas e práticas de vestir (Soares, 2019) também informam sobre modos de lidar com as ideias e as perspectivas teórico-conceituais. Os modos de vestir, como estratégias de recriar a pele na forma de cores, estampas ou ornamentos incidem diretamente sobre uma posição crítica ao consumismo e ao trabalho precário que compõem o setor fabril. Abre-se a “pele-roupa”, para deixar ver a pele sensível que recobre o corpo. Pele-palavra que, nas costuras, vai se fazendo texto.

LINHA 1. AS IMAGENS, OS OLHARES.

Olhar para parar, para ouvir, no silêncio das imagens. Imagem que foi se desdobrando, se expandindo dos conteúdos visuais na direção da imaginação e do que poderia, ali, produzir-se como uma imagem fora da imagem, a pressionar os conteúdos visuais para além da representação a que foram atados no pensamento moderno. Não à toa, a fotografia do surrealismo produziu um corte fundamental na noção de imagem como representação ou como prova, marcada pelo desejo do idêntico. Corte e ferida definem o *punctum* (Barthes, 1984) que nos permitiu

produzir um olhar através da imagem, buscar na imagem o que fere, o que punge, o que faz sair da própria imagem, a lança que nos implica e nos movimenta para seu interior. O transver que Zanella (2017) sugere nos faz enfrentar o impossível que reside entre o conteúdo visual das fotografias e o olhar de quem vê.

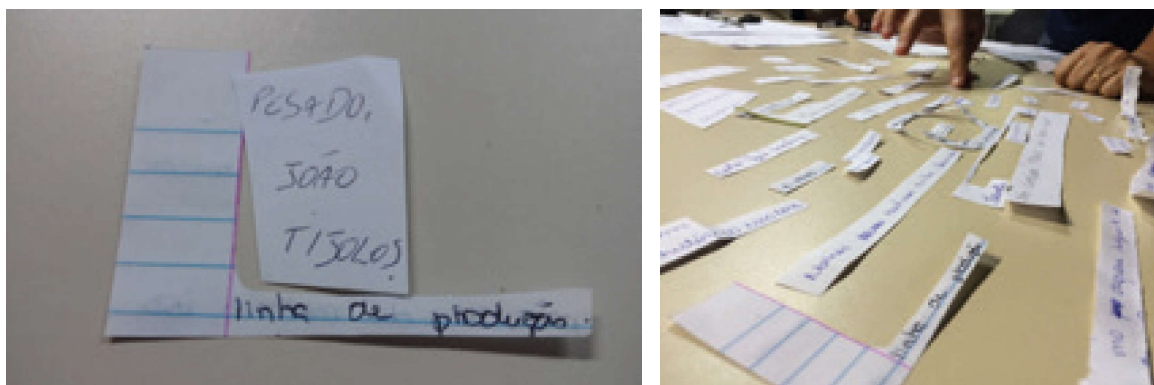
Os movimentos, ao se desprender, iam criando outras imagens. Abrir as imagens, aos moldes foucaultianos, para deixar ver os enunciados (Deleuze, 2005). Buscar as luzes que, no jogo de luz e sombra que faz ver imagens, busca o fora da imagem. Buscar os invisíveis das imagens, os modos como se produziam, o que ficou de fora do foco almejado, o processo em que a imagem não era o ponto de chegada, mas de partida. Estes movimentos criaram a intervenção fotográfica, forjada no plano da pesquisa-intervenção, pensando os modos como a imagem pode ser força-potência de provocar movimentos de olhares e éticas que constroem o *ethos* de onde podemos falar sobre o que vemos (Prudente & Tittoni, 2014). Intervir nas imagens fotográficas: pintar, bordar, desfocar. Intervir nos aparatos técnicos de câmeras que as produzem: digitais, manuais, artesanais. *Pin-lux* e *pinhole* como estratégias para provocar os aparelhos e suas capacidades de fazer ver quem fotografa, tal qual propõe Flusser (2002), como aquele que torce o aparelho a seu favor, como aquele que pode expandir-se da câmera com suas linguagem e inteligência técnica e digital. A fotografia artesanal põe o corpo de quem fotografa na cena, precisa do olhar, das mãos ágeis que recortam, colam, pintam, fazendo sua própria câmera. Outras imagens como inscrição da luz na superfície sensível do filme - *photografia*.



Fontes: Anna Luiza Trein, 2012; e Oficinas de fotografia do grupo de pesquisa NEITS, 2015.

Silvia R. Cusicanqui (2015, p. 19), em seu livro “*Sociologia da Imagem*”, mostra que na perspectiva colonial “*las palabras se convirtieron en un registro ficcional, plagado de eufemismos que velan la realidad en lugar de designarla*”. Para isto, recorre a Waman Puma, cronista quechua, que, através de seus desenhos, cria uma “teoria visual do sistema colonial” (Cusicanqui, 2015 p. 21), deixando entrever conteúdos simbólicos indecifráveis para os colonizadores, pois produzidos na cultura oral dos povos indígenas da região. O artista, assim, cria uma cena na ordem colonial, mas a compõe com conteúdo simbólicos que são invisíveis para o colonizador, pois descritos como narrativas em quechua e aimara. O jogo entre as palavras e as imagens abre brechas, constitui-se como campo de lutas e de provocações e dá vigor à imaginação e ao caráter ficcional inerente à produção imagética.

Foucault (1988), em “*Isto não é um cachimbo*”, propôs que, entre os signos verbais e os elementos plásticos, existem relações de similitude, ao invés de semelhança. A semelhança é da ordem do pensamento, do padrão e, quem sabe, dos ordenamentos algorítmicos que passam a nos definir em tempos de relações mediadas por tecnologias digitais. A similitude é da ordem das aberturas e das diferenças que se propagam, sendo que “multiplica as afirmações diferentes, que dançam juntas, apoiando-se e caindo umas em cima das outras” (Foucault, 1988, p. 63). Uma imagem, feita de palavras, para além dos conteúdos visuais. Assim, fizemos jogar imagens e palavras na exposição fotográfica apresentada no Encontro Nacional da ABRAPSO em 2015, descrita em Tittoni et al. (2017). Para isso, escrevemos, fotografamos e cortamos, produzindo palavras-imagens. Desde aí, a imagem se produz para além dos conteúdos visuais, com a força das cenas e das narrativas.



Fonte: Oficinas de fotografia do grupo de pesquisa NEITS, 2016.

Esta “separação” entre palavras e imagens possui forte caráter colonizador, centrado na racionalidade moderna, que separa pensar, fazer e falar-escrever-publicar. Sustentada em um modo de pensar cartesiano e nos ideais iluministas, essa racionalidade moderna encontra espaço fecundo no ambiente acadêmico e acaba

balizando aquilo que deve ser tomado como um conhecimento válido ou não. Haraway (1995) pensa a parcialidade da ciência em relação ao feminismo e nos apresenta uma “ciência hostil”, pautada em um método fabricado e arbitrário. A autora problematiza aquilo que se apresenta enquanto objetividade científica, propondo, como contrapeso, uma “doutrina de objetividade corporificada”, nomeada como “saberes localizados” (Haraway, 1995, p. 18). O borramento da fronteira entre o sensível que carrega uma imagem e a pretensa objetividade de uma produção cartesiana surge como exercício de tensionamento à racionalidade colonial que inunda a produção de conhecimento na academia.

A imagem como estratégia de aprisionamento e de violência aparece nas práticas racistas. Patrícia Collins (2019), a partir do entendimento de raça, classe e gênero como sistemas de dominação, propõe a noção de imagem de controle para pensar os modos como imagens de mulheres negras são construídas no racismo, produzindo violência simbólica e fomentando formas de dominação. Winnie Bueno (2020), ao tratar das imagens de controle, fala sobre a estigmatização e subalternização decorrente da produção destas imagens, mostrando que a autodefinição se impõe como estratégia de luta e de visibilidade das mulheres negras ao deixar vir à tona o que pretende residir como silêncio nestas imagens. Leticia Campos (2021), ao estudar mulheres negras ciberativistas, identifica que a mulher negra intelectual e ativa nas redes sociais impacta estas imagens, sendo alvo de violências, mas também de articulação e visibilidade das estratégias de resistência a estas imagens estigmatizadoras. As imagens de controle mostram formas de opressão e violência que residem nos modos de olhar, ali, onde o silêncio pode falar mais alto. Abrir as imagens e buscar, nelas, o racismo que as constitui é necessário ética e politicamente. As imagens, que escancaram a raça, muito antes das palavras, instigam os olhares e produzem, através deles, outros olhares. Ali, onde as imagens denunciam, também silenciam. O silêncio opressor direciona balas perdidas, que seguem na direção de corpos negros na sua maioria esmagadora, que faz corpos trocarem de calçada, que estigmatiza muito antes de falar. Silêncio que fala alto, provoca dor e sustenta o que Grada Kilomba (2019) chama de racismo cotidiano.

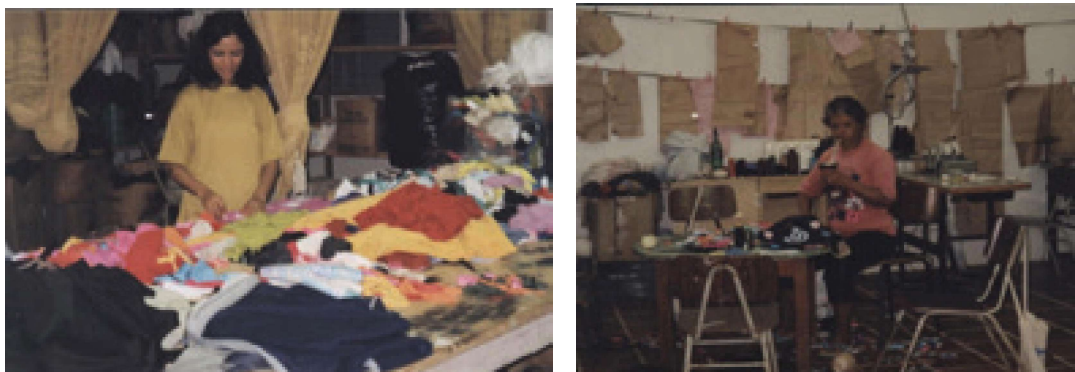
LINHA 2. AS COSTURAS

O estudo da imagem e do trabalho constituíram-se como questões neste pesquisar, a partir das costuras. No ano de 2000, estávamos acompanhando o trabalho das costureiras do Morro da Cruz, quando fomos instigadas a pensar no trabalho através das cores, dos tramados, dos encontros. Encontros entre mulheres que faziam retalhos virarem roupas pelas costuras tramadas em *patchwork*. Costurar hoje trama nossas histórias no grupo porque várias de nós somos filhas

de costureiras, somos costureiras, somos bordadeiras. A familiaridade com as linhas e agulhas foram indicando, também, modos de tramar os diferentes projetos individuais entre si, criando uma tecitura outra que poderia se chamar de grupo.

Com a generosidade das costureiras do Morro da Cruz, acabamos por criar modos de pesquisar com imagens onde as palavras falharam e, mais precisamente, nas cores, nos tramados, nas combinações que, sensíveis aos olhares, recriavam os retalhos em roupas. Um trabalho artesanal que hoje entendemos funcionar como estratégia de geração de renda, mas, também, de encontro. Encontro entre mulheres em um espaço de conversa, de troca, de afeto. Tecia-se, ali, uma psicologia social do trabalho, tal qual proposto por Sato, Hespanhol e Oliveira (2008) como uma abordagem do trabalho a partir do cotidiano e das micropolíticas. O estudo de Marlon Campos (2020) com trabalhadores da educação mostra estratégias de enfrentamento do sofrimento nos cotidianos de trabalho aliando trabalho, saúde, adoecimento e sofrimento às experiências cotidianas.

Chamamos de “artes de trabalhar”, também problematizando o trabalho no cotidiano, pensando com Michel Certeau (2006) sobre as artes do fazer e as práticas anônimas forjadas nos cotidianos de trabalho e nos afetos, como trabalho tácito. Trabalho este que se reinventa nos limites postos pela organização e pelos processos de trabalho, que subjetiva e se inscreve nas vidas e nas trajetórias para além dos processos e sua organização, criando o que se chamou “trabalho como arte” (Tittoni, Dias, Trein, & Prudente, 2017).



Fonte: Oficinas de fotografia com coletivo de mulheres costureiras do Morro da Cruz (2001).

Ao olharmos, hoje, as fotografias, outras visibilidades podem ser identificadas: mulheres negras, entre os moldes de roupas, que tentam dar alguma ordem à desordem dos retalhos. Hoje, acompanhando Collins (2019), pode-se pensar na potência destes encontros como espaços de conversa e de produção das lutas cotidianas que se expandem da sobrevivência até a possibilidade de inventar um futuro, assim como as roupas iam sendo inventadas naquele trabalho. Marlete

Oliveira (2019) vê, na potência dos encontros entre mulheres negras e trabalhadoras domésticas, possibilidades de produção de autoamor e autodefinição, retomando a discussão proposta por Collins (2019). Buscar as vozes onde elas falam como forma de romper o imperativo do silêncio imposto aos corpos negros e, sobretudo, às mulheres negras, conforme sugere Kilomba (2019).

As atividades comunitárias e solidárias tecem, nas micropolíticas cotidianas, formas de resistência ao trabalho fabril e, principalmente, ao trabalho doméstico tão presente nas trajetórias das mulheres. Pequenas rachaduras no trabalhar em um contexto neoliberal, navegam entre mares turbulentos. O modo de trabalhar neoliberal pressiona e orienta a subjetivação do trabalhador, empresário de si, com poucos acessos aos direitos sociais, com grande exigência de produtividade e tendo os fios do trabalho como as grandes linhas de tessitura de suas vidas: trabalha-se sempre, todo o tempo e em todos os lugares. Tecnologias se acoplam aos modos de trabalhar, reinventando os braços, ouvidos e olhos como peças-ferramentas de aparatos técnicos digitais que forçam o uso do corpo como parte das máquinas que já nos habitam e nos fazem ver e ouvir. Acelerados e extremamente solitários nas lógicas competitivas onde se produzem como quem trabalha (Dardot & Lavall, 2016), lutam cotidianamente para fazer arte de seu trabalho no ritmo incessante, das demandas infinitas e da velocidade estonteante de um dia de muito mais do que vinte e quatro horas.

A luta pelo trabalho digno e saudável segue como uma emergência. O trabalho nas políticas públicas e, sobretudo, de quem trabalha na saúde e na assistência social, vem constituindo um campo de problematizações sobre o trabalho vivo (Mehry, 2002), produzindo modos de pesquisar que têm no acompanhamento do trabalho cotidiano seu principal foco. Articulando a produção de imagens com este acompanhar, criou-se o “pesquisador andarilho”, a acompanhar o trabalho das agentes comunitárias de saúde (Vieira & Tittoni, 2015) e a pesquisadora inventora, que acompanha os movimentos da equipe de trabalho e desdobra suas estratégias metodológicas para melhor realizar este acompanhamento (Dias, Zanella, & Tittoni, 2019).

Em tempos de pandemia, com o temor do adoecimento e uma mudança brusca e intensa nos modos de trabalhar, a discussão sobre o trabalho concentrou-se na experiência do trabalhar em casa, borrando as fronteiras entre o espaço doméstico e o trabalho, impactando diretamente a vida das trabalhadoras mulheres (Castro, Bottega, Detoni, & Tittoni, 2020) ou a aventura de trabalhar com usuários da saúde mental em plena pandemia, conforme expõem Leandro Peixoto et al. (2020), sobre o trabalho com usuários da saúde mental. A produção de imagens cria, com os temas do trabalho e da saúde, laços de parentesco que geram provocações, deslocamento de olhares e visões diferenciadas. Estes movimentos buscam refletir sobre o trabalho, seu cotidiano e os modos de produzir saúde e adoecimento que, ali, se realizam, constituindo-se como estratégias de

intervenção e de transformação dos modos de trabalhar, tal qual proposto por Tittoni et al. (2019) ao pensar a produção de imagens na pesquisa sobre saúde e trabalho. Os laços se criam, não para prender, mas para ligar e criar relações de parceria, mostram-se como nós afrouxados e maleáveis, que se transformam na singularidade dos encontros, redefinindo trabalho, saúde e a produção de imagens conforme as condições e as potências dos encontros que podem fazê-los enlaçar-se e desenrolar-se. Os movimentos, aqui, orientam o pesquisar.

LINHA 3. AS NARRATIVAS

UMA CENA: FRAGMENTOS

Em alguns lugares deparei-me com um vazio que me desorientou. Pensava eu _ aqui tinha uma capela muito fresca e com vitrais coloridos embaixo da sombra das árvores, bem rente ao rio, em frente a quadra de esportes; e o galpão e a casinha de madeira sem banheiro, onde fazíamos os grupos com famílias, as reuniões com a comunidade, as reuniões da rede da criança e do adolescente_ bem por onde passa agora a ponte que em forma de arco desliza sob nossas cabeças numa estrutura firme de concreto, inacabada, dividindo a ilha ao meio. Imponente e cinza, contrasta com os escombros que entrecortam construções, onde ainda moram famílias que aguardam enquanto vivem seu cotidiano. Quais angústias, resignação, parcas alegrias, raivas e tristezas, medos e esperanças lhes atravessam, enquanto dura este processo obrigatório e lento de presenciar semana a semana as máquinas passando por cima das humildes casas. Dos restos, deixados por seus moradores, os quais, por vontade ou não, abandonaram suas casas, vizinhos, trabalho, convivência. Abandonando o que? Bem antes de chegar nas ilhas, os guindastes na sua verticalidade gigante são vistos de longe e alertam pra mudança de cenário numa vida vivida em extensão, os 12 km da ilha. Os rastros daquilo que foi um modo de vida ainda se faz presente nas ilhas, nos móveis entre os escombros, nas paredes e tábuas tortas e torcidas, nos cavalos e nas carroças escondidos pelas sombras, nas lágrimas de quem convive diariamente com a visão da destruição da casa onde nasceu. Marta, que foi morar na cidade vizinha, retorna diariamente pra trabalhar num dos galpões de reciclagem que persistem. Bem em frente a casa onde morava na beira do rio, e que hoje não passa de um amontoado de tábuas e memórias, que não lhe permitem nem esquecer.

Carta de Marilu Goulart em: Farias et al. (2020)

OUTRA CARTA: FRAGMENTOS

Lembramos, analisamos e percebemos que não foi bem isso que se sucedeu. Em especial, porque ainda nos amparávamos numa perspectiva dicotômica entre o trabalho e a educação, entre lá e cá, achando que em algum lugar as coisas seriam organizadas e encaminhadas idealmente. Sorvemos outros goles de café, agora quase gelado, para lembrar das mutações estilo Gregor Samsa. Se há anos foi preciso que inventássemos um corpo de trabalhadora para habitar as instituições e seus discursos gerencialistas-assistenciais-tutelares propondo um jogo de cintura na proposição de uma construção ética do trabalho psi, hoje nos damos conta que também foi necessário metamorfosear nossos corpos de trabalhadoras em corpos de pesquisadoras. Se no passado saíamos da universidade ansiosas pelo primeiro emprego, que precisava ser transformado em trabalho, e metamorfoseávamos de estudante para trabalhadora, agora percebemos que somos humanos e insetos ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo e não necessariamente em lugares distintos, como na graduação nos ensinaram. É tudo ao mesmo tempo e de todas as formas. Foi aí que ela me olhou e disse: ‘... esse tipo de pesquisadora não cria raiz; inventa outros usos para as pernas, cavocando percursos e muitos percalços para habitar os castelos daqui e de lá, da pós-graduação e do trabalho. É por isso que é nômade. É forjado em andanças, nem tanto aqui, nem tanto lá, é por aí, no que é possível forjar entre.’ Tô lembrando das baratas que passam raspando nos nossos pés quando já é quase noite no centro da cidade e o movimento dos grandes pés e rodas diminui. É sempre movimentado andar pelas calçadas, só depende da perspectiva de quem olha. Andei escrevendo umas coisas sobre a relação entre um castelo e outro. Mas não tá maduro ainda. Logo que mais palavras surgirem, te escrevo.”

Carta de Camila Pereira Alves em: Alves (2018)

UMA CENA

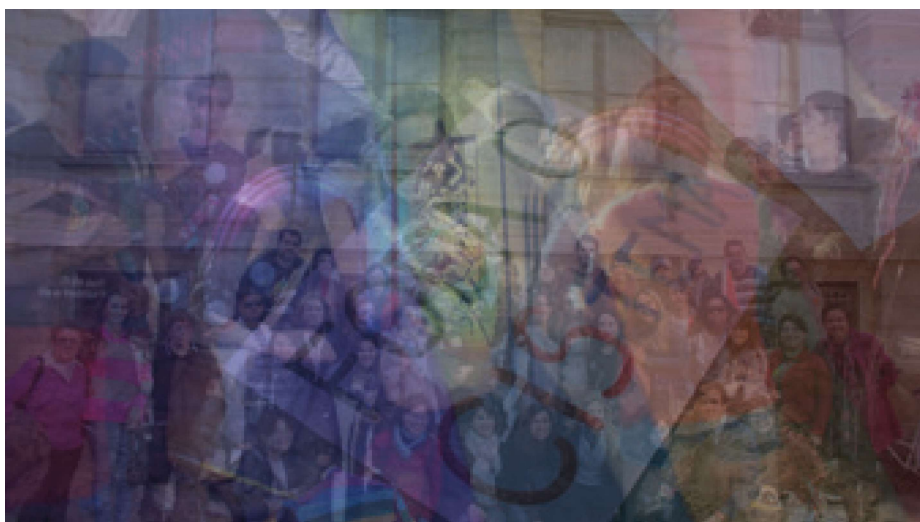
Virei a esquina, chegando perto do imenso terreno dividido em três campos de futebol assimétricos: dois menores de terra batida e um maior com traves e gramado. Esse, o único que tinha gramado verde, agora não existia mais. Para minha surpresa, deparei-me com um muro vermelho e uma inscrição em letras prateadas: Instituto Médico Legal Dr. Estácio de Lima. Senti um incômodo vago ao qual não consegui atribuir sentido

num primeiro momento, mas que me acompanhou até chegar à casa do meu amigo. Conversamos, rimos e quase me esqueci daquele prédio.

Na volta ele permanecia ali me dizendo algo. Andando sob o azul quase alaranjado, fronteira entre dia e noite, sentindo a poeira nos pés, pensei na molecada dos tempos de escola que jogava bola ali. Quando me refiro à molecada, não falo somente dos meninos, mas também das meninas, amigas de turma, que volta e meia encontrava ali de pés descalços num racha de futebol ou numa partida de queimada, como chamávamos. Voltei aturdida para casa. Meu incômodo, antes vago, foi ganhando mais lugar no corpo. Não era apenas nostalgia. Era me dar conta de que o IML está ali também para receber corpos como aqueles que, em outro tempo, jogavam bola no campinho. Não se tratava de um prédio qualquer, mas de como a substituição do antigo campo de futebol enuncia rumos da gestão da segurança pública em Maceió, com baixos investimentos em prevenção à violência e promoção de políticas de esporte, lazer e cultura. Em contrapartida, investindo na ampliação de alojamentos no complexo de unidades de internação e na construção recente do IML, marcando certo fascínio do Estado pelas mortes nas periferias.

Narrativa de Aline Kelly da Silva em: Silva (2020)¹

UMA NARRATIVA EM IMAGEM



Fonte: Rossana Bogorny Heinze em: Schmidt (2015).

1 Silva, Aline Kelly (2020). *Pensar onde os pés pisam: colonialismo, memória e insurgências juvenis* [Projeto Tese de Doutorado Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS].

A linguagem acadêmica, já tantas vezes criticada por seu padrão e formalismo, está no centro da discussão sobre o abismo que separa a experiência de sua expressão falada ou escrita ou imagética. Narrar é uma forma de aproximar, uma ponte para buscar atravessar este abismo construído para fazer o corpo pensar como corpo que sente o vento batendo no rosto, o cheiro da comida que sai das casas nas ruas por onde andamos e que faz nossos pés pisarem o chão molhado, enquanto nossos olhos olham o infinito. Se já tomamos a experiência como eixo de nosso pesquisar, como falar disso que se pode experienciar? Como traduzir esse tanto de afecções que implica colocar-se na experiência?

Walter Benjamin (1994), ao escrever o texto “*O narrador*”, evoca, no centro da modernidade, narração em contraposição à informação. A narração contém elementos que permitem abrir o que chama de conteúdo psicológico da narrativa, de modo a que possa ser recontada, repetida e atualizada. Por isso, a narração difere da exatidão e da padronização da informação. Narrar, assim, é reconstruir a experiência no plano das afecções e dos afetos, tomando a experiência subjetiva como referente. A tecitura da linha “narrativas” tem se dado pelas costuras entre experiências, o que se pode contar delas e o que se constrói como ficção, nestes movimentos. Pessoas que trabalham se metamorfoseiam em pesquisadoras ao habitar o campo da pós-graduação e são as narradoras dessas experiências e saberes encarnados, o que desloca a tradição acadêmica do saber-sobre os objetos de pesquisa.

No livro “*A Queda do Céu*”, Kopenawa e Albert (2015) conversam intensamente sobre as palavras do povo Yanomami, para que Bruce possa levar as palavras para que os brancos entendam como pensam os povos da floresta. Em diversos momentos, Kopenawa pede a Bruce que grave as palavras em peles de papel para que possam ir para longe e cumprir o sentido da conversa ali tramada. Diz Davi Kopenawa (2015, p. 392): “Depois, quando essas fitas em que a sombra das minhas palavras está presa ficarem imprestáveis, não as jogue fora. Você só vai poder queimá-las quando forem muito velhas e minhas falas tiverem já há muito tempo sido tornadas desenhos que os brancos podem olhar. *Inaha th a?* Está bem?”

Marcar nas peles de papel, transformar as falas em desenhos que os brancos possam olhar ou prender a sombra das palavras falam de outros modos de ver nosso trabalho de pesquisar cotidianos. Virando o espelho do colonizador para seu próprio rosto, que podemos ver?

Na carta que Grada Kilomba (2019) envia para a editora brasileira de seu livro “*Memórias da Plantação*”, a autora mostra os efeitos do colonialismo e do racismo na língua portuguesa e a necessidade de uma desconstrução linguística e criação de uma nova linguagem. A colonização da linguagem e os modos como se engendra nos cotidianos como formas de produzir sentidos e formas de relação, nos leva a uma operação de escavação, de buscar as palavras ainda com a terra fresca dos tempos em que poderiam nascer da terra, com as coisas da natureza,

com os frutos do trabalho e já não estavam presas às peles de papel. Narrar, no fio da experiência, é uma ação que dobra narrador em tradutor para criar um abrir espaços para tecer e costurar ou melhor, talvez, alinhar trajetórias distintas em experiências compartilhadas. A ideia de “encontros narrativos” (Genesini, Lazzarotto, & Tittoni, 2020) provoca, justamente, as narrativas que se produzem nos encontros e nos compartilhamentos da experiência.

Judith Butler (2015), sugere as narrativas de si como efeitos das condições que as tornam possíveis, ou seja, narrar a si mesmo é um jogo que implica abrir as relações de poder que compõem as condições narrativas. Deste modo, traz para a cena o narrar engendrado nas lutas de poder que o tornam possível. Narrar-se poderia ser pensado como os modos cotidianos de enfrentar as condições que nos são impostas e, assim, não é descrever-se, tampouco conhecer-se, mas lutar e provocar as condições de emergência das narrativas.

Segue na ordem das emergências estimular um narrar que possa dizer da experiência e das menoridades do cotidiano, como instrumento de conhecimento. Narrar, ora com os pés fincados no chão, descrevendo os fazeres do trabalho cotidiano, ora com as mãos que escrevem no ar o que os pés fincados no chão já não podem expressar. Narrar o cotidiano como ele se mostra; os sonhos, as pistas, os sinais e sintomas, as lutas que se convergem em resistências do viver; a vida que se expande a partir da narrativa que se faz raiz, mas também potencializa a ação através dos encontros de rizomas; os ditos e escritos acadêmicos que transcendem os muros da universidade e que se revelam e rebelam a partir dos poderes e atores sobre eles.

A narrativa se apresenta para nós também através da escavação de documentos, ora produzidos, ora vividos. A exploração dos enunciados em tramas, que também se desfiam e se desfiliam, traduz a decisão política proposta por Haraway (2016) que insurge através do jogo entre o consenso e o dissenso. O jogo que afirma a nossa autonomia e decide, a partir das diferentes existências, nosso pacto coletivo em defesa da universidade pública. Da capilaridade da vida à potência da luta narrando uma universidade pública que constrói suas tranças na normatividade da vida, driblando a normatização.

POR FIM...

Esta escrita foi tecida na coletividade de um grupo de pesquisa e na virtualidade das relações permitidas pelo contexto de pandemia. Corpos que, em alguns casos, nunca se tocaram ou encontraram pessoalmente. Corpos que compartilham algumas trajetórias e experiências e diferem em outras tantas. Muitas perguntas criaram condições para esta escrita e se mantêm abertas para seguirmos pensando: como definir o que caracteriza um grupo de pesquisa? Qual a linha comum em

um contexto em que a rotatividade de membros é constante e parte de seu modo de funcionar? Olhando retrospectivamente, estamos sempre em movimento, pois diversas composições de equipe e projetos de pesquisa, epistemologias e metodologias que se cruzam e se distanciam entre tantas outras multiplicidades, caracterizam a história desse grupo, atualmente denominado NEITS: Núcleo de Estudos em Imagem, Trabalho e Subjetividade. Muitas pessoas que por aqui passaram seguiram seu caminho na academia, outras tantas seguem a buscar as falas que os silêncios querem calar em distintos espaços de trabalho e de produção. Enquanto linha transversal desse percurso, adquire mais evidência a aposta ética na construção coletiva e um posicionamento teórico balizado por uma crítica à noção de modernidade, caracterizando-se por um fazer-pesquisa enquanto prática anticolonial. Nesta perspectiva, expandir e enfrentar a complexidade da noção de interseccionalidade e a importância da noção de ‘mulherismo’ no pensamento feminista são temas que seguem como projetos fundamentais na aposta deste grupo. Um coletivo que corre riscos e faz de seus riscos sua trilha, com os pés no chão. Qual a nossa ordem? A do escape, das tramas e das tranças, alinhadas ou em desalinho, que se emaranham em mesclas e texturas e que nos remetem a construção do *corpus* de pesquisadores deste coletivo: a ordem da insurgência na luta pela (in)segurança epistêmica de um coletivo. Narrativas aqui não convergem em certezas, mas nos alinham nas tranças que dançam através do vento, reavivando utopias, para seguir na busca de manter os desejos que sempre se reativam quando novas pessoas passam a compor esta experiência.

REFERÊNCIAS

- Alves, Camila** (2018). *Experiências de um pesquisador nômade: composições escritas entre trabalho e educação* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS].
- Barthes, Roland** (1984). *A câmera clara*. Nova Fronteira.
- Benjamin, Walter** (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Brasiliense.
- Bueno, Winnie** (2020). *Imagens de Controle: um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins*. Zouk.
- Butler, Judith** (2015). *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Autêntica.
- Campos, Letícia Eli P.** (2021) *Mulheres negras em ciberativismo produzindo subjetividades* Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS].
- Campos, Marlon Freitas** (2020). Estratégias do “Chão da Escola”: o emprego de mecanismos que visam evitar ou atenuar o sofrimento mental no trabalho docente. In Moacir F. Viegas, Suzane B. F. Krug, & Laísa Xavier Schuh (Orgs.), *Estudos e Reflexões Sobre Trabalho, Educação e Saúde* (pp. 212-236). EdiPUCRS.
- Castro, Thiele C. Muller, Bottega, Carla G., Detoni, Priscila P., & TITTONI, Jaqueline** (2020). Em tempos de Coronavírus: home office e o trabalho feminino. *Revista Norus - Novos Rumos Sociológicos*, 8(14), 40-64.
- Collins, Patrícia Hill** (2019). *Pensamento Feminista Negro*. Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. Boitempo.
- Dardot, Pierre & Lavall, Christian** (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- Certeau, Michel** (1996). *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Vozes.
- Deleuze, Gilles** (2005). *Foucault*. Brasiliense.
- Dias, Lucia Ruduit, Zanella, Andrea V., & TITTONI, Jaqueline** (2019). As práticas jurídicas e a judicialização do trabalho da assistência social. *Athenea Digital*, 19(3), e2404.
- Farias, João Maurício, Goulart, Marilu, Soares, Helena B., & TITTONI, Jaqueline** (2020). Cidade e Memória: rastros de vida em uma ilha em transformação. In Andrea V. Zanella (Org.), *Arte e Cidade, Memória e Experiência* (pp. 251-282). Editora da Universidade Federal do Piauí.
- Flusser, Vilém** (2002). *A filosofia da caixa preta*. Relume Dumará.
- Foucault, Michel** (1988). *Isto não é um cachimbo*. Paz e Terra.
- Genesini, Ana Paula, Lazarotto, Gislei Domingas, & TITTONI, Jaqueline** (2020). Arquivos de experiência: entre encontros narrativos com juventudes e as aventuras do trabalhar nas políticas públicas. *Conversas & Controvérsias*, Porto Alegre, 7(1). 1-13.
- Haraway, Donna** (1995). Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 07-41.
- Haraway, Donna**. (2016). *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. University Press Books.
- Jesus, Carolina Maria de** (2019). *Quarto de Despejo*. Ática.
- Kilomba, Grada** (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Krenak, Ailton** (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras

- Kopenawa, Davi & Albert, Bruce** (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.
- Merhy, Emerson** (2002). *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. Hucitec.
- Oliveira, Marlete Andrize** (2022). *O amor sempre encontra o caminho de casa: memórias encruzilhadas de mulheres negras e o amor* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS].
- Peixoto, Leandro M.; Jesus, A. S., Lopes, D. S., Bencke, E., Orsini, F., Nussbaumer, F., Menezes, L. L. et al.** (2020). O Trabalho em Reinvenção: narrativa de uma experiência em meio à pandemia. In Nelson Rivero et al. (Orgs.), *Retratos da Pandemia: Conexões, Desconexões e Reconexões* (pp. 65-74). Casa Leiria.
- Prudente, Jessica & Titto, Jaqueline** (2014). A pesquisa intervenção como exercício ético e a metodologia como paraskeuê. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(1), 12-28. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922014000100003>
- Rivera Cusicanqui, Silvia** (2010). Ch'ixi-nakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Tinta Limón.
- Rivera Cusicanqui, Silvia** (2015). Sociología de la imagen : ensayos Tinta Limón.
- Sato, Leny, Hespanhol B., Marcia, & Oliveira, Fábio** (2008). Psicologia social do trabalho e cotidiano: a vivência de trabalhadores em diferentes contextos micropolíticos. *Psicologia para América Latina*, 15, (online). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400010&lng=pt&tln=pt
- Schmidt, Rossana B. Heinze** (2015). *Transversalizando práticas: trabalhando em uma assessoria jurídica universitária em direitos sexuais e gênero* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS].
- Soares, Helena** (2019). Produção de subjetividade pelas práticas do vestir no Brechó de Troca: novos campos para a psicologia social. *PSI UNISC*, 3(1), 141-151. doi:<https://doi.org/10.17058/psiunisc.v3i1.12605>
- Tittoni, Jaqueline, Castro, Diego D., Papini, Pedro, & Isopo, Rodrigo** (2017). Operações no fio do fragmento: fotografar, escrever e cortar. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 8(1), 87-98. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27942>
- Tittoni, Jaqueline, Dias, Lúcia R. R., Trein, Ana L., & Prudente, Jéssica** (2017). O trabalho como arte: Invenção e criação nos modos de trabalhar. *Psicoperspectivas*, 16(1), 117-131. <https://doi.org/10.5027/psicoperspectivasVol16-Issue1-fulltext-869>
- Tittoni, Jaqueline, Machado, Fabiane K., Dias, Lucia, Ruduit, Silveira, Vinícios, Silveira, & Wayner, Laura R.** (2019). A Intervenção Fotográfica Como Ferramenta de Pesquisa em Saúde. In Jussara Maria R. M., Dolores S. Wunsch, & Carmem Regina Giongo (Orgs.), *A Investigação no Campo da Saúde do Trabalhador: Construção do conhecimento e estratégias metodológicas* (pp. 113-126). Papel Social
- Trein, Anna Luiza** (2012). "O que estamos fazendo aqui?" Sobre o pesquisar e a autonomia nos jogos de visibilidade do SUAS" [Dissertação de Mestrado em em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS].
- Vieira, Luis Carlos N. & Tittoni, Jaqueline** (2015). Entre imagens e palavras: as Agentes Comunitárias de Saúde como artífices. *Pesquisas e Práticas psicossociais*, 10(1). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000100010&lng=pt&tln=pt.
- Zanella, Andrea** (2017). *Entre galerias e museus: diálogos metodológicos no encontro da arte com a ciência e a vida*. Pedro & João Editores.